

## EM BUSCA DE HISTÓRIAS VIVIDAS E CONTADAS

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e histórias na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Vanessa S. Eletherio de Oliveira<sup>1</sup>

Luciana Kind<sup>2</sup>

Rosineide Meira Cordeiro<sup>3</sup>

Os trabalhos de D. Jean Clandinin na Universidade de Alberta e de F. Michael Connelly no Instituto de Educação da Universidade de Toronto sistematizam, de modo deliberadamente reflexivo, a busca desses pesquisadores e formadores, por alternativas que denominam como ‘narrativa dominante’ no campo da educação. Atentos ao cotidiano das práticas nessa arena, posicionam-se pelo exercício de “pensar narrativamente”, produzindo estranhamentos com a herança da tradição comportamental de Thorndike e da Taxonomia de Bloom em suas práticas de pesquisa. Antecipam, desde o início do livro, que se esquivarão das definições, ocupando-se com aquilo que os pesquisadores de narrativas fazem.

O livro está organizado em dez capítulos, cujos exemplos historiados encaminham possibilidades de aprender-pensar narrativamente, seja no delineamento de problemas de pesquisa, seja quando se entra no campo, ou ainda, quando se elabora os textos científicos.

No primeiro capítulo, intitulado “Por que narrativa?”, os autores não só apresentam como suas trajetórias autobiográficas desembocaram na produção de pesquisas narrativas, mas também justificam, teoricamente, a centralidade da noção deweyana de experiência e de transformação. O argumento é o de que: se a experiência ocorre narrativamente, a pesquisa deve ser um meio para se compreender essa experiência. Nesse sentido, é o conceito de experiência que engendra a polissemia de paisagens historiadas e que permite uma educação de nós mesmos e dos outros. As experiências são, então, histórias situadas no tempo e

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFPE).

<sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Psicologia (PUC Minas).

<sup>3</sup> Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFPE).

no espaço em que as pessoas vivem e que, no seu recontar, se reafirmam, se atualizam e se transformam. Clandinin e Connelly explicitam o diálogo com autores de diferentes campos das ciências sociais e humanas, como a antropologia, a teoria literária, a filosofia e a psicologia, além do acento em Dewey.

Já no segundo e terceiro capítulos “Pensando narrativamente – um caso nas fronteiras” e “Pensando narrativamente – fronteiras reducionista ou formalista”, a pesquisa narrativa é situada epistemologicamente. Nesse momento, a metáfora do entremeio serve para localizar a pesquisa narrativa sob as tensões que provoca, tanto na pesquisa dominante/racionalista quanto na técnica/objetivista. Se, por um lado, na abordagem dominante, a experiência é negatizada, por outro, na fronteira formalista, ela é simplesmente ignorada.

Inicialmente, um ponto de tensão a ser evidenciado é que, na pesquisa narrativa, os pesquisadores partem de sua própria experiência e não da teoria, como diriam os formalistas. Se as críticas formalistas para a pesquisa narrativa residem em um aforismo de insuficiência teórica, a resposta narrativa está voltada para a plasticidade de sua expressão, revisão e ensino, em uma perspectiva que se aproxima da formalista. Em outras palavras, do mesmo modo que o formalismo, a pesquisa narrativa se relaciona com uma lógica operacional. Assim, o seu equilíbrio teórico está no movimento de sua atualização e expressão pela experiência.

Os lugares dos participantes e dos pesquisadores também são tencionados, uma vez que remetem a corporificações de histórias vividas, que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais. Por isso mesmo, os pesquisadores narrativos devem permanecer atentos às histórias narrativas que encontram e à pesquisa que desenvolvem. Trata-se de um cuidado de preservar eticamente suas próprias narrativas em consonância com as dos participantes e os interesses de pesquisa.

Chegados o quarto e o quinto capítulos, denominados: “O que fazem os pesquisadores narrativos?” e “O pesquisador entrando no campo de pesquisa caminhando por entre as histórias”, é possível refletir sobre os relatos da prática narrativa, ou seja, sobre o ponto inicial para pesquisa e pedagogia narrativa. A proposta é pensar o que os pesquisadores narrativos fazem em termos e direções analíticas de seu próprio pensamento científico.

No entanto, para discutir os termos utilizados, a experiência (situação,

continuidade e interação) é retomada como referência criativa e lugar fundacional da pesquisa narrativa. É justamente esse espaço tridimensional da experiência que permite um arcabouço de pesquisa que se desloca em introspectivo, extrospectivo, retrospectivo, prospectivo e situado em um lugar.

Assim, os termos são pessoal e social (interação); passado, presente e futuro (continuidade); e arranjos de lugar (situação). Pesquisar sobre a experiência é viver uma experiência radicalmente relacional. No exercício de produção da pesquisa narrativa como espaço tridimensional, os autores propõem a movimentação em quatro direções (introspectiva, extrospectiva, retrospectiva e prospectiva). Pessoal, social, interno e externo, não nos parece indicar locais fixos, mas pouso sempre efêmero na construção relacional desse tipo de pesquisa.

A pesquisa narrativa trata de uma pesquisa relacional tanto porque envolve a nós mesmos e aqueles com quem trabalhamos, como porque permite uma movimentação incessante do campo para o texto e do texto para o campo de pesquisa. Pesquisador e participantes são convidados, em todo e qualquer tempo, a atuarem sobre suas capacidades de afetar e serem afetados e a fundarem novas maneiras de sentir e contar histórias. É preciso que o pesquisador esteja disponível para mergulhar nas experiências dos atores sociais que encontra e de se tornar parte da paisagem que pesquisa. Isso implica lidar com a teia de relações e negociações, desde o início até o final do processo.

A reflexividade, isto é, a marca autoral da composição de um texto, revela uma estratégia pedagógica e de pesquisa que se inicia pelo contar de experiências autobiográficas, histórias contadas e vividas, e se desdobra com as experiências de outros pesquisadores sobre a construção de pesquisas narrativas. Com isso, os autores apresentam um modo de se fazer pesquisa narrativa que trafega entre fronteiras disciplinares e se oferece como “referência criativa”, expressão que usam para justificar um diálogo singular com Dewey, para pesquisadores com formações diversificadas.

Como modo de estruturação de seus argumentos, os autores recorrem fartamente a suas próprias histórias, de seus alunos e parceiros de pesquisa. Como ilustração, acentuaremos histórias vividas por eles mesmos, que nos auxiliam a compreender o processo de pensar narrativamente.

Connelly fala sobre o espaço tridimensional da pesquisa narrativa com sua

orientanda de doutorado, Ming Fang He. A pesquisa de Ming He sobre a “formação de identidade e transformação cultural de três professoras chinesas ao irem e virem entre as culturas chinesa e canadense” (*apud* CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.88) produziu, em Connelly, questionamentos sobre quem ele é, e provocou uma jornada sobre o início de sua infância em uma comunidade rural do Canadá. Foi inevitável, para ele, não pensar sobre si mesmo e, também, a respeito de quem era uma figura enigmática de sua infância, Long Him, o dono de um armazém chinês.

A partir da experiência de Connelly, são explicados três usos de termos analíticos. O primeiro, em relação a uma narrativa dominante, é sintetizar as histórias como um conjugado de compreensões. O segundo diz respeito mais às origens experienciais, levando aos indicadores de questionamentos, trabalhos e textos de campo. Seria o caso de imaginarmos Ming He pesquisando sobre a memória da revolução cultural chinesa, através de entrevistas, jornais, e assim por diante. Já o terceiro uso nos diz da ambiguidade e complexidade implicadas no processo de pesquisa. Vale notar que a experiência de Connelly é contada e atualizada por Ming He e reinaugurada para os propósitos do livro em questão.

A história vivida por Clandinin relata sobre uma pesquisa acerca de como os profissionais da educação se veem na paisagem de conhecimento profissional em que estão situados. E é justamente em uma fala de Karen Whelan que Clandinin tem a evocação da memória de quando era criança e teria de fazer uma prova de soletrar na escola. A fala de Whelan estava sendo gravada e, para que não constasse no toca-fitas, Clandinin registra por escrito seu pensamento. Somente meses depois, quando a gravação já estava transcrita, Clandinin estuda e relembra seus pensamentos. A autora não tivera a intenção de fazer notas sobre aquela experiência, mas começou a recriar uma narrativa a partir de suas lembranças.

Para o pesquisador narrativo, entender o campo de pesquisa significa lidar com a amplitude de narrativas em ação na paisagem. É um experimentar não só do que foi dito e contado, mas também das coisas não ditas e não feitas, que moldam a estrutura da narrativa das suas observações e das suas conversas.

No sexto, sétimo, oitavo e nono capítulos, denominados respectivamente, “Do campo para os textos de campo estando no lugar das histórias”, “Compondo textos de campo”, “Dos textos de campo aos textos de pesquisa”, “Compondo o sentido da experiência”;e “Compondo os textos de pesquisa”, os autores discutem sobre a

complexidade de movimentar-se do campo para os textos de campo e dos textos de campo para os textos científicos.

Não raro, o pesquisador se depara com dúvidas e incertezas que constituirão a escrita dos textos científicos. Em diálogo com Geertz, é como se não houvesse o tempo certo para entrada no campo. Parece que o pesquisador chegou cedo, ou tarde demais, porque as narrativas ora estão sob uma expectativa, ora sob algo que já aconteceu. As dificuldades se voltam para como escrever em meio às tensões que envolvem o entrelaçamento de pessoas, lugares e coisas num contexto em constante transformação, e como contextualizar o agora em relação ao passado e ao futuro. Os autores sugerem uma variedade de textos que podem fazer parte da pesquisa: escrita autobiográfica, diários, notas de campo, carta, entrevistas, documentos, fotografias, história de famílias e caixa de memórias.

A tarefa de recontar a história vivida com os participantes é atravessada por questões éticas, como voz, autoria, forma narrativa e audiência, e precisam ser consideradas pelo escritor no momento em que o texto que está sendo produzido. O campo é permeado por uma multiplicidade de vozes, tanto por parte dos participantes como dos pesquisadores e é preciso considerar as vozes ouvidas e não ouvidas, assim como os silêncios e ausências dos pesquisadores. Nesse processo narrativo, o pesquisador não pode deixar de fora sua marca e identidade que se concretiza por meio da sua assinatura. O senso de audiência também deve estar impregnado na escrita e no texto.

Explorar as tensões que envolvem voz, assinatura e audiência, é também politizar o caminho de pesquisa escolhido. Clandinin e Connelly chamam atenção para o respeito do pesquisador quanto às relações de trabalho que permitam proporcionar um lugar para a voz e para a assinatura do participante, sem que esse movimento crie um conflito com a noção de audiência. Outra tensão é a escolha da forma narrativa sobre o que é aceitável no discurso acadêmico e o que é aceitável na comunidade acadêmica pertencente, uma vez que está diretamente ligada à audiência e deve levar em consideração o tipo de revista que se vai escrever. Os autores lembram que a criatividade não precisa ficar fora da elaboração dos textos de pesquisa. Assim, somos encorajados a romper as fronteiras, mesmo tendo que respeitar as particularidades de cada audiência.

Por fim, o décimo capítulo, “Preocupações que persistem em relação à

pesquisa narrativa”, salienta a importância das questões éticas, de autoria, de anonimato e do estado de alerta que envolvem a dinâmica de ir e vir na pesquisa narrativa. É na despertabilidade do pesquisador que os limites e fronteiras para se pensar os critérios de avaliação dos trabalhos em uma comunidade de pesquisa narrativa são construídos, de modo a considerar o espaço tridimensional da pesquisa.

A ousadia teórica e prática da pesquisa narrativa estão voltadas para ênfase analítica da experiência enquanto história vivida e (re)contada. Assim, o trabalho de Clandinin e Connelly apresenta-se como uma leitura imprescindível para os pesquisadores sociais. Além disso, contribui para o próprio debate sobre os modos de se fazer pesquisa qualitativa no Brasil, em especial no campo das ciências sociais, e para a discussão fomentada na interface entre as ciências sociais, a psicologia e a educação.

## **REFERÊNCIA**

**CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.**